



Editorial

Prezados leitores, prezadas leitoras,

O presente número da ECO-REBEL reúne sete trabalhos que exploram diferentes interfaces teóricas e metodológicas vinculadas à Ecolinguística e à Linguística Ecológica, reforçando o caráter interdisciplinar do campo ao articular estudos de etnobotânica, políticas linguísticas, análise da interação, semiótica, discurso digital, historiografia linguística e educação ecológica.

O primeiro texto, “Nomes vernaculares de plantas medicinais da Caatinga que fazem alusão a animais: uma investigação etnobotânica e fitonímica no Nordeste do Brasil”, de Raissa Martins Mota Meireles, Heitor de Oliveira Braga e Eraldo Medeiros Costa Neto, apresenta um estudo etnobotânico baseado em revisão sistemática da literatura sobre fitônimos associados a zoônimos no bioma Caatinga. O trabalho demonstra como a nomeação popular de plantas medicinais expressa formas de percepção ecológica e simbólica do meio ambiente, evidenciando a profunda integração entre linguagem, cultura e biodiversidade.

O segundo artigo, “Imigração árabe no Rio de Janeiro: um estudo sobre a interface de políticas linguísticas e ecolinguística”, de Marcela Cristina Lemos Cordeiro, discute processos de manutenção e vitalidade linguística em comunidades de imigração árabe no contexto urbano brasileiro. A autora analisa a interação entre políticas linguísticas e dinâmicas socioculturais de contato linguístico, destacando como fatores institucionais, identitários e territoriais influenciam a preservação da língua em contextos migratórios.

O terceiro texto, “Sintaxe dialogal, interturnos ou inter-réplicas”, de Hildo Honório do Couto, propõe uma abordagem teórica inovadora para o estudo dos chamados marcadores conversacionais, partindo da perspectiva da linguística ecossistêmica segundo a qual a língua deve ser compreendida primordialmente como interação. Ao inverter a tradição estruturalista, o autor enfatiza o papel organizador dos interturnos na construção do sentido e na dinâmica comunicativa.

O quarto artigo, “Toward a semiotics of syntropy: grammaticality, evolution, and successional dynamics in agroecosystems”, de Marcelo Moreira Santos, articula a semiótica de Charles Sanders Peirce com a teoria da complexidade de Edgar Morin e com a agricultura sintrópica desenvolvida por Ernst Götsch. O trabalho interpreta processos sucessionais em agroecossistemas como regimes de organização semiótica, propondo

uma leitura ecológica da noção de gramaticalidade aplicada a sistemas vivos.

O quinto texto, “Fragmentação simbiótica e polarização discursiva – uma análise ecossistêmica das disputas ideológicas no Brasil contemporâneo”, de Anderson Nowogrodzki da Silva, analisa os processos de polarização discursiva intensificados pelas redes sociais digitais a partir da perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica. O autor propõe o conceito de fragmentação simbiótica para explicar como comunidades discursivas antagonizadas se constituem de forma interdependente, produzindo desequilíbrios nos ecossistemas natural, mental e social.

O sexto artigo, “Arte de grammatica da lingua brasilica da Naçam Kiriri (Mamiani, 1699): uma análise historiográfica e ecolinguística sobre a cultura Macro-Jê na formação do ecossistema Brasil”, de Leonardo Ferreira Kaltner, revisita a gramática missionária de Luís Vincêncio Mamiani sob a perspectiva da historiografia linguística e da ecolinguística crítica. O estudo interpreta a descrição da língua kiriri como parte das dinâmicas coloniais de reorganização das ecologias linguísticas indígenas, ao mesmo tempo em que evidencia marcas de resistência cultural e epistemológica dos povos Macro-Jê.

O sétimo texto, “Los caminos que pisan los niños: el territorio como espacio de significados infantiles en tres regiones ecológicas de Bolivia”, de Marina Arratia Jiménez, apresenta uma investigação qualitativa sobre as percepções infantis do território em diferentes ecossistemas bolivianos. A autora demonstra como a experiência cotidiana das crianças com o ambiente natural produz formas situadas de conhecimento ecológico, reforçando a relação entre linguagem, território e construção de sentidos.

Os trabalhos reunidos neste número evidenciam a expansão temática da ecolinguística contemporânea, destacando sua capacidade de integrar estudos sobre linguagem, meio ambiente, cultura, tecnologia e processos históricos. Observa-se também o fortalecimento da linguística ecossistêmica como eixo teórico capaz de articular análises que vão desde práticas tradicionais de nomeação até fenômenos discursivos emergentes no ambiente digital.

A ECO-REBEL reafirma, assim, seu compromisso com o desenvolvimento crítico e interdisciplinar da Ecolinguística, estimulando investigações que ampliem a compreensão das relações entre língua, sociedade e natureza.